



O PODER DA REPRESENTAÇÃO: A FICÇÃO INVADE A VIDA

Maria Luiza Martini*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

lmfmartini@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo discute o texto “Morrer de amor: Neco, Chiquinha e a Estrhycnina” que faz parte do livro “Os Sete Pecados da Capital” de Sandra Pesavento. A historiadora constrói dois objetos, “morrer de amor”, e o poder da representação no final do século XIX. Ela trabalha com as cartas dos suicidas, o jornalismo de folhetim e a literatura, através de metodologia da história cultural: “história dentro da história”.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia de História Cultural – Sensibilidades – Final do século XIX – Ficção – Sandra Jatahy Pesavento.

ABSTRACT: This article deals with the text "To die of love: Neco and Chiquinha and estrycnina" in the book "The seven sins of the capital" of Sandra Jatahy Pesavento. The historian builds two objects, "fall in love" and the power of representation in the late nineteenth century. She looks at the suicide's letters, journalism and literature of a serial through the methodology of cultural history: "history within the history."

KEYWORDS: Cultural History Methodology – Sensitivities – Late nineteenth-century – Fiction – Sandra Jatahy Pesavento.

Morrer de amor: Neco, Chiquinha e a Estrhycnina, este é o tema de trabalho da historiadora Sandra Pesavento, no terceiro capítulo de Sete Pecados da Capital, um de seus últimos livros.

Seguir. Procurar um máximo de proximidade com a historiadora na construção de seu objeto, dentro da temática “morrer de amor”. Nossa leitura é seletiva. Inevitavelmente. Assim é toda a leitura: aproxima e distancia, por isso permite ver, sempre correndo o risco de equivocar-se. Espero ver com ela.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora do Departamento de História e do PPG em História da mesma instituição.

São conceitos com que a historiadora trabalha: Sensibilidades, representações sociais, imaginário. Eles organizam marcas de historicidade, uma narrativa e também o caminho de sua análise, a “história dentro da história”. Nela, realidade e produção literária se entrelaçam abrangendo seus movimentos de expansão e diversificação: o novo jornalismo e o romance jornalístico, típicos do fim de século XIX. Ele buscam as demandas, a recepção do público. Esse processo constituiria os objetos: o poder da representação e o amor impossível no fim do século XIX em Porto Alegre.

SENSIBILIDADES

As sensibilidades são formas de apreensão do mundo, atuando em espaço anterior à reflexão, “brotada do corpo”, como reação à realidade; também correspondem a manifestações do pensamento que as organizam, traduzem e interpretam em “termos mais estáveis e contínuos”. Assim “sensações se transformam em sentimentos, afetos, estados de alma”; é percepção, quando os dados da impressão sensorial se relacionam com “outras experiências e lembranças”. Esta experiência sensível é historicizada através de sua inserção no mundo social. Neste processo, “o mundo do sensível se constrói com o do espectador e do leitor.” Mesmo a experiência intransferível é envolvida por um conjunto de representações sociais a que damos o nome de imaginário.

A vida imita a arte: este seria o poder da representação, em suma. Daí a história cultural buscar sensibilidades do passado, práticas culturais do sensível nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura.¹

Mas frequentemente a arte também imita a vida, quando introduz o acontecido na ficção e transforma-o em narrativa literária. Interroga-se a historiadora: A arte imita a vida? A ficção é, pois, baseada no real? Ou, atualizando o debate, as fronteiras entre a história e a ficção são tênues mesmo? Esta última reflexão se constitui pela análise do “romance verdadeiro” *Estrhycnina. Página Romântica*, de autoria dos três “talentosos moços”, jornalistas e poetas: Souza Lobo, Mário Totta e Paulino Azurenha.²

¹ PESAVENTO, Sandra. Morrer de amor: Neco, Chiquinha e a *Estrhycnina*. In: _____. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 93. Todas as demais citações referem-se a este texto.

² LOBO, Souza; TOTA, Mario; AZURENHA, Paulino. *Estrhycnina. Página Romântica*. Porto Alegre, Livraria Americana, 1897.

A CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS: O PODER DA REPRESENTAÇÃO E *MORRER DE AMOR NO FINAL DO SÉCULO XIX*

O suicídio sobressai como manifestação de sensibilidade no período, em Porto Alegre: veneno, pistola, afogamento nas águas do Guaíba ou num poço de quintal. O Correio do Povo se refere a uma onda mundial de suicídios, destacando a reflexão do escritor francês Arsène Houssaye, que cita Proudhomme: “O suicídio faz parte de nossos costumes”.³

O suicídio anônimo é apenas mais uma notícia. Entretanto, os que morrem por amor, em geral, geram um rastro de comentários, suposições e cartas. O que interessa a historiadora, para construir seus objetos, um remetendo-se ao outro, o poder da representação e o morrer de amor, é aquele amor proibido, contrariado pelos laços de família ou o rejeitado pela lei, o que leva os amantes a um pacto de morte social, aberto ao público, produzindo sua própria literatura, cartas que terminam publicadas pela imprensa. Elas tem o sabor das leituras em voga. Escrevendo as vésperas da morte os suicidas se aproximam dos personagens de romances, parecendo teatralizar “o ato derradeiro” deixando de si próprios uma “construção narrativa” fazendo pública sua intimidade.

E a cidade lia bastante, das elites às camadas médias urbanas” A historiadora percorre anúncios. O Anuário Literário e Estatístico da Província do Rio Grande do Sul, 1890, indica entre muitos outros: “O imortal de Alphonse Daudet, A dama das Camélias de Alexandre Dumas Filho, O Conde de Camors, de Feuillet”, à venda na Livraria Americana. Esta, também anunciava seus títulos no Correio do Povo em extensas listas que ao longo do final do século, apresentavam obras de autores europeus como Gabrielle D’Annunzio, Edmond e Jules de Goncourt, Gustave Flaubert, Eugene Sue, Alphonse Daudet, Paul Bourget, Guy de Maupassant, Émile Zola, Victor Hugo, Alexandre Dumas Filho, Escrich, Leon Tolstoi, Fedor Dostoievski. Gorki, Tourgueneff, G. Ottnet, Jean Lorrain, Oscar Wilde, Charles Dickens, Michel Zevaco, Ponson Du Terrail, Marcel Prévost, Charles Nodier, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueira, Camilo Castelo Branco, Almeida Garret, AQuatole France, Théophile Gautier, Chateaubriand,

³ **CORREIO DO Povo**, Porto Alegre.

Honoré de Balzac, Charles Baudelaire, Lamartine, Pierre Loti, Huysmans, Feuillet, Guerra Junqueira, Antero de Quental, Eça de Queiroz, Goethe, Dante...⁴

Muitas dessas leituras aparecem textualmente ou nos subtextos das narrativas dos suicidas, dos jornalistas e da produção literária local. A morte dos amantes, as cartas e o rumor que se espalhava em torno delas vendiam jornais. O escrito do suicida é um testemunho. Uma narrativa para afastar o esquecimento. É revelação de si próprio e socialização do drama com o leitor. Assim, cartas são registros de sensibilidades.

Depois da invenção do jornal diário, a criação de uma nova narrativa jornalística gera uma espécie de coro onde ecoam as demandas do público e as intervenções do jornal. É folhetinesca, se interrompe no clímax prometendo revelações fantásticas; faz juízos e interpela o público, por exemplo: “mas veja bem, caro leitor, é cabível uma atitude destas nos tempos de hoje? Ou então: você cidadão honrado, pai de família, por certo não concordará, etc, etc, etc..”⁵

É visível o desejo do suicida de entrar para a história. Sabe que para tanto, é preciso publicar o que é íntimo, colocar na mão do jornalista sua vida e morte, matéria que vendia.



www.revistafenix.pro.br

MORRER DE AMOR

Suicídio que movimentou a imprensa em início de 1896: o de um jovem de 23 anos de idade, Adelino de Miranda Ferreira Campello, que trabalhava no escritório de uma fábrica de vidros no Caminho Novo. Servira na guarda nacional, onde recebera honras. Morreu por ingestão de ácido sulfúrico. Deixou cartas. Numa delas dirigia-se expressamente a Imprensa.

Peço-vos o obséquio de, no meu necrológio, não me chamarem louco, sínfático [sic] correligionário, amigo etc. – essas pomadas todas que vocês usam. Nem digam também que foi um ato de desespero, porquanto eu nunca estive mais calmo e refletido do que hoje. Não digam também que é covardia, porque quem é covarde não se suicida. Saúde e assinantes⁶

⁴ Cf. PESAVENTO, Sandra. Morrer de amor: Neco, Chiquinha e a Estrhycnina. In: _____. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 99.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Morrer de amor: Neco, Chiquinha e a Estrhycnina. In: _____. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 98.

⁶ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07/01/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 101.

Sua assinatura é um trocadilho com a saudação do PRR (saúde e fraternidade) e uma lúcida negociação, um esforço para controlar a publicidade que desejava. Campello teve seu amor rejeitado. Em carta ao pai, revela-se. Morre por amor:

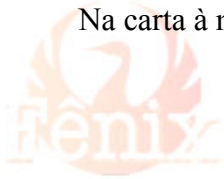
Adorável pai

Custa-me bastante ter de te causar um desgosto mas é o primeiro e o último. Teu filho como todos os outros, tem um pouco de brio e pudor, para ver-se calcado no que tem de mais sagrado, o seu amor. Paciência, não a tenho, e mesmo para mim a vida é um fardo. Trabalhar só para mim é um absurdo, e até hoje o fiz, sujeitando-me a todas as privações, porque queria casar-me; não o querem . Adeus. Pague as minhas dívidas.

Campello⁷

Campello fora rejeitado pela família da moça, por não ser bom partido? Por ela própria? Que sinais o jovem recebera de sua dama? Em que fantasias se perdera? Seu gesto, sua publicidade poderiam vingar sua rejeição?

Na carta à mãe afirma:



Minha boa e santa mãe

É a missão dos poetas morrerem pelo seu ideal, e seu filho não podia fazer uma exceção a essa regra. Lamento que não fosse possuidor de um título de bacharel e de meia dúzia de contos de réis para fazer face as contrariedades de que hoje sou vítima. É um horror o que vou fazer, bem conheço; mas creia que é em pleno gozo das minhas faculdades mentais. Adeus para sempre.

Campello⁸

O poeta seria um ser distinto, especial, que morre por seu amor. É a sua mãe que ele os entrega: sua vocação de poeta, seu ideal e seu amor.

Em carta ao irmão discute a sociedade e o amor:

A meu irmão Alcides:

Vais ser meu sucessor na ordem natural de nossa família; visto que és dos homens que ficam o mais velho. És muito criança ainda, não conheces a fundo o coração humano, não sabes o que é adversidade porquanto nunca sofrestes as agruras do exílio, logo não podes avaliar o alcance desta minha resolução. Na verdade é cruel morrer aos vinte

⁷ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07/01/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 101.

⁸ Ibid., p 104.

e um anos, quando apenas a vida começa a desabrochar, quando apenas o mundo nos sorri (como dirão os jornais) mas é a pura realidade o que estás ouvindo, o mundo só é bom para quem não se impressiona com os preconceitos sociais, o mundo só é bom para os pobres, pois que não tendo em que pensar tem em si a felicidade.

Não ames, e se por acaso o amor desabrochar em teu peito, que seja por uma mulher sem nome, sem dinheiro, sem família mas honrada, pois que se aí encontrares a amizade franca, e sem peias que te possam um dia, no melhor de tuas esperanças impedir que sejas feliz. Adeus vela pela nossa boa mãe e irmãos e consola-os nesse transe amargurado. Para o meu esquife, só flores brancas, brancas como a neve, bem branquinhas.⁹

Os pobres não teriam preconceito social por não terem nome, família e patrimônio a zelar. Completa-se socialmente a denúncia de Campello, atingindo a instituição familiar. Observa a historiadora: o detalhe das flores brancas no caixão é simbólico, assinala o amor não consumado.

Campello morava com o padrinho. Sua família residia no Rio de Janeiro, onde seu pai exercia funções na secretaria de polícia. O jornalista ouviu este familiar, Adelino Peixoto de Miranda, conhecido guarda-livros da praça. Relatou, que na noite anterior o rapaz passara a escrever mas sem despertar suspeitas, pois era muito **estudioso e dedicava muito tempo à leitura**. Nenhuma referência ao nome da mulher amada. Mas se ela de fato alimentara algum sentimento por Adelino, ela e sua família tomaram conhecimento antes do pedido? Depois de tudo, talvez temessem suas cartas (haveria mais alguma? O que poderia dizer?) consideramos nós.

Dele, Adelino o poeta, selecionamos a estrofe de um soneto recolhido pela historiadora:

Infame, muito infame o preconceito
Que tens, ó sociedade, que não amas.
Que só ao vil metal tens por preceito,
Por norma de prazer tudo difamas.¹⁰

O caso de Adelino interessa-a, pela denúncia do preconceito e a expressão da angústia do amor impossível, que aparecerão em outros casos de suicídio na época.¹¹

⁹ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07/01/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 104.

¹⁰ Não há referência de publicação, apenas que o soneto foi encontrado entre os pertences do suicida. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 104.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 105.

MORRER DE AMOR: NECO E CHIQUINHA, UM DUPLO SUICÍDIO COM ESTRICNINA

Dois amantes por amor proibido ingeriram veneno como em um romance. Ela, Chiquinha, de 19 anos, pobre e bela, e ele, Antonio Borges de Lima, (Nico), 21 anos, boêmio pálido, “belos e profundos olhos negros, era filho de Francisco Borges de Lima, capitalista da praça”.

O suicida é visto como de bons costumes, escriturário, emprego de qualidade, numa empresa; ela era uma “caída”. Cedo perdera-se “com um tal de Crescêncio”, morto por assassinato, e depois, depois ligara-se a um marinheiro. Na capital, Chiquinha mora na casa de “uma parda, que a fez familiar sob seu teto e sua mesa”.¹² Ali conhece o elegante Borges, nascendo daí uma “poderosa afeição de amor, logo e logo convertida na maior paixão sensual”.¹³

Mas ele, morrendo de amores, na Farmácia, cercado de curiosos, tinha casamento ajustado com uma “jovem porto-alegrense”¹⁴ filha de um negociante da Rua dos Andradas. Chiquinha, segundo o Correio do Povo, louca de ciúme, ameaçara suicidar-se. Num bilhete de despedida contara sua história e dizia: Peço-te que não cases com aquela mulher. Ela é quem fez a minha desgraça “Adeus meu anjo, meu amor”.¹⁵ A seguir narra como foi seduzida e perdeu-se. Sua história lembrava a da Dama das Camélias “tão do agrado do público porto-alegrense”.¹⁶

Nico amava Chiquinha que, grávida de cinco meses, decidira suicidar-se. Ele optou por segui-la. Roubou a mortal estrhycnina numa farmácia. Morreriam de amor. Ambos escrevem várias cartas. Ele ainda se arrepende. Procura socorro. Chama um repórter a quem concedeu uma entrevista em plena agonia. Num corselete de Chiquinha, o inspetor de polícia Lousada, encontrou, cosido pela parte interna, um quarto de papel almaço em que se lia os seguintes escritos a lápis, por Borges Lima:

Chiquinha:

- Embora com o sacrifício da vida serei teu – Borges.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 104.

¹³ **O Mercantil**, Porto Alegre, 04/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 109.

¹⁴ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 109.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 110.

- As minhas cinzas chamarão: Chiquinha.
- O meu cadáver envolverá teu nome
- Com meu sangue escreverei amor eterno.
- Sem teus olhos verei o mundo vazio de amores para mim.
- Com teu coração enfrentarei o futuro.¹⁷

Chiquinha também tem o seu escrito: “Eu até morrer hei de ser tua”. Escreveram uma declaração publicada no Correio do Povo: “Estamos satisfeitos como se nada houvesse, temos gozado muito, chegou o momento, adeus mundo”.¹⁸

Neco pedia perdão aos pais, e denunciava a censura e a moral social, que não admitiam seu amor.

Peço-vos perdão do que acabo de cometer, mas era meu destino e devia cumpri-lo, pois que um amor que não podia aparecer levou-me a este ato de desespero. Amei loucamente uma mulher e esta tinha-me tanto amor como só podia ter minha mãe por isso julguei mais acertado por termo aos meus dias a ter de separar-me dela pois que a sociedade não permitia que eu aparecesse com ela sob pena de ser considerado indigno de seu seio. Sociedade infame onde existe e impera a luxúria em seu auge e que pretendeu aniquilar aquele que não possui dinheiro e que por isso não é digno de si.¹⁹

Neco deixa determinações entrelaçadas a ameaças:



Peço-lhes meus pais que façam meu enterro mais modesto possível, assim como o dela e que seu corpo seja enterrado junto com o meu, na mesma ocasião. Caso não queiram cumprir os pedidos que vos faço, então considerem-me um estranho não devendo chamar-me de filho. Se for uma realidade a imortalidade da alma, a minha vos perseguirá, eternamente, caso meu corpo não seja enterrado com o dela, que me amou muito e morreu que por mim Adeus meus queridos pais lembrem-se[sic] sempre do vosso amado Nico Borges Peço ainda que nunca odeiem a Chiquinha a Chiquinha mas devem amá-la como filha”. Quero, repito, que meu corpo seja enterrado junto com o dela.

Nico²⁰

Não ficaram na mesma sepultura, mas em “carneiras contíguas, uma sobre a outra.” Pediu também três retratos da amada e mais um amor perfeito trançado com os cabelos de Chiquinha para o caixão, “prática e código romântico dos enamorados de

¹⁷ **Correio do Povo**, 04/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 113.

¹⁸ Ibid., p. 113.

¹⁹ Ibid., p. 114.

²⁰ Ibid.

então.” Com os pais insiste para não responsabilizarem Chiquinha: “Ela amava-me loucamente e desinteressadamente. Era a encarnação de Margarida Gauthier”.²¹

Nico identifica-a explicitamente com o mito literário. “Morrer de amor” é um tema que ao nosso próprio ver, caracterizaria a retomada da tragédia, no jornal folhetim. Seria também um ritual narrativo: as cartas dos suicidas mesmo as que se dirigem aos familiares visam a sociedade, sabendo que seriam publicadas. Elas são representações de interdições que se substituem dentro de um caminho trágico; representações que carregam o mesmo peso da lei infringida por Édipo Rei, assim como (expressão que opera a substituição) personagens que não se apagam, por exemplo: os amantes Francesca de Rimini e Paolo Malatesta, do amor condenado entre ela e seu cunhado ou o amor impossível de Romeu e Julieta, por convenções familiares. Personagens suicidas que se transformaram em “mitos literários indicadores de uma conduta a seguir, difundidos através dos caminhos da leitura e educação do gosto, que fixa padrões e valores suscetíveis de pautar ações”.²²

A nosso ver há um fundo primordial de representações capazes de atravessar profundamente as sensibilidades, portanto capazes de mobilizar artistas, escritores, jornalistas e o público em geral. O primeiro índice do poder de representação está, portanto, no próprio amor impossível.

Adelino confiara sua vocação de poeta e a fidelidade a esta vocação à sua mãe. Nico, em carta aos pais, como vimos acima, declara amar Chiquinha loucamente e que esta o amava tanto como sua mãe, desinteressadamente. Era a encarnação de Marguerithe Gauthier. Trata-se bem de uma substituição proibida, o amor de sua mãe pelo de Marguerithe, a prostituta, ou Chiquinha, “a caída”.

A HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA, O DISCURSO JORNALÍSTICO E O ROMANCE VERDADEIRO

Duplo suicídio de amor! É este levado a efeito um dia depois de terem os amantes assistido no nosso teatro à representação da **Dama das Camélias** de Alexandre Dumas Filho. Aquela peça, quem o negará? É sugestiva e muito e talvez calasse no ânimo de Borges e de Francisca, forçando-os a uma trágica retirada do mundo pelo suicídio cometido premeditadamente, friamente, já pesando o veneno, sem tremores

²¹ **Correio do Povo**, 04/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 115.

²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 93.

convulsos na mão, já bebendo-o de um só trago e antes de tudo isso dando os dois ao amor que os ligava a sua última oferenda [sic] de carícias, mutuamente trocadas. Duplo suicídio de amor! Será este fato compatível com este fim do século terrível e quando a dúvida é o “mot d’ordre” da existência? Não o acreditamos. O tempo do suicídio por amor já passou”²³

Pergunta-se o jornalista se o gesto se explicaria pelo final de um século terrível e suas dúvidas, mas conclui, à revelia dos acontecimentos: “O tempo dos suicídios por amor felizmente já passou”.

O discurso jornalístico e jornalistas entrevistaram na agonia de Nico.

Achava-se na farmácia, sentado na cadeira, o jovem Antonio Borges de Lima, de 21 anos de idade, empregado até dois dias antes no escritório da Companhia Fiação de Tecidos.

Foi ele o primeiro a chamar nosso companheiro que se lhe acercando, com ele travou o seguinte diálogo:

- Então Borges o que é isso?
- Tomei estriçnina e estou envenenado.
- Como? Porque?
- Uma loucura de moço, cousas do coração.
- Alguma paixão?
- Sim. Amo uma mulher e não posso viver com ela ostensivamente, porque a sociedade não o consente. Por isso resolvemos morrer.²⁴

Agonizante, Nico daria “detalhes de incrível precisão, surpreendentes para alguém que atentara contra a vida e que se achava às portas da morte”.

- Então trata-se de dois envenenamentos?
- É exato. Tomamos estriçnina eu e minha amante.
- Quem é ela? Onde mora?
- Chama-se Francisca da Gama e mora na Rua da Ponte, numero 169, entre as ruas Clara e do Arroio.
- Mas não eras tu que, há pouco, às 7 horas da noite, conversavas com uma mulher, à esquina da Rua do Arroio, quando por ali passei?
- Era eu, sim, e a mulher era minha amante.
- E que faziam vocês?
- Combinávamos o envenenamento.
- E como obtiveste o veneno?
- Roubei-o numa farmácia.
- Não sentes dores?
- Nenhuma, sinto apenas contrações, sintoma da morte. E só lamento morrer longe dela, a quem tanto estimo.
- E não estás arrependido?
- Estou. Não devíamos ter feito isto. Mas ... já agora, que remédio? ²⁵

²³ **O Mercantil**, Porto Alegre, 04/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 110.

²⁴ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 04/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 107.

²⁵ *Ibid.*, p. 108

Confirma para o jornalista, de quem seria conhecido, pois este o reconheceria ao vê-lo com a amante, às 7horas do dia anterior na Rua do Arroio, que já decidiam o duplo suicídio. Além disso, Nico o chamara. Segundo o Correio do Povo um jornalista autônomo realizara a entrevista. Mas a Gazeta da Tarde identifica-o como Caldas Jr, o proprietário daquele Jornal.²⁶ Neste caso podemos pensar que Nico chamaria um jornalista com quem tivesse alguma relação para ter a repercussão de seu suicídio historiadora observa: em um centro urbano de pequeno porte as notícias se espalham de boca em boca. Todo e qualquer acontecimento que rompa a regularidade do cotiniano. Mas nesta cidade existe um centro de modernidade urbana. Dela, observamos nós, fazem parte os vários jornais-folhetins que potencializariam o rumor, o diz que diz, de um modo inédito. Nesta pequena (moderna) cidade, os repórteres facilmente descobrem personagens, seus lugares, formam suas redes de informação e disputam por elas .

O amor proibido e o morrer de amor são narrados e mobilizados por jornalistas que atuam, reportam, resumem e opinam. Esta literatura nascida com o jornal diário, com seu novo estilo, mobiliza um coro espetacular, além do que poderia esperar a ficção e a dramaturgia até então. São leitores e muitos não leitores, atentos a tudo que se via e dizia. As edições do Correio do Povo se esgotaram. Centenas de pessoas acorrem à sede do jornal em cuja porta fora afixado²⁷ o retrato da suicida. Esse coro, seria, assim o entendemos, na proximidade com a historiadora, uma sensibilidade (sensações e emoções) popular que se historicizava, se informava, se inseria no mundo social, por toda a informação que circulava, por escrito e derivada do escrito, repetida e reimaginada pela multidão emergente. Pessoas que passam a conviver e a idagar sobre a história da Dama das Camélias, a história de Chiquinha, sobre o que diziam as cartas etc.

O suicídio era discutido na imprensa, entre as justificativas românticas e sua crítica materialista, descrente de extremos afetivos. Mas o coração parecia vencer, personagens do mundo real a portarem-se como os dos romances. A ficção invade a vida.

²⁶ Horrível tragédia. Envenenamento. **Gazeta da tarde**. Porto Alegre, 03/09/ 1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 106.

²⁷ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 04/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 108.

Enquanto Antonio morria na farmácia cercado de curiosos, Chiquinha morria também em seu humilde quarto, na casa da Rua da Ponte (Riachuelo) assistida por alguns vizinhos e pela Imprensa, “que tudo descreveu com minúcias terríveis...” Segundo o Mercantil, ela “tinha os seios descobertos, o olhar fora do comum, isto é esbugalhado, a boca excessivamente aberta e a língua de fora”.²⁸ Já a **Gazeta da Tarde** completava:

Uma cena, lúgubre e emocionante, em que a triste realidade toma proporções de um romance, e ultrapassa as raias das imaginações. A dor e a miséria ali se ostentavam na sua implacabilidade aterradora, extinguindo as expansões da vida, num coração que era todo amor e desvelo, por aquele a quem se devotara até o último sacrifício.²⁹

A descrição publicada nesse jornalismo de sensação, não deixaria faltar o traje de Chiquinha: vestido e casaco de lã cor de rosa. Isto é um elemento evocativo à cena de morte da heroína trágica do século XIX Emma Bovary de Gustave Flaubert: também ela estava vestida de rosa “mãos crispadas sobre o lençol do leito, boca aberta, com o queixo sobre o peito, a vomitar sangue, língua para fora, olhos vermelhos arregalados de uma maneira desmesurada”.³⁰

A casa de Chiquinha é pobre, mas havia livros com ela. “Miragem de Coelho Netto, um dos autores mais lidos do fin de siècle e as poesias de Felix da Cunha”, talvez introduzidos por Nico. Chiquinha, suicida, lia tais livros? Quer parecer que sim, estavam ao lado da cama. Observa a historiadora: o drama é rico de representações da época: desnível social, juízos morais, barreiras imaginárias e concretas. Nico não é da elite, mas pertence ao grupo dos cidadãos e com eles partilha dos valores que lhe apontam ser aquele amor impossível.³¹

A última fase desse processo de estetização é o do “romance verdadeiro”. Anunciado em 1896, seu objetivo é atualidade, sensação: **Estrhycnina. Página romântica** é lançado em 1897. Seus autores são “moços de letras” da capital: Mario Totta, Paulino Azurenha e Souza Lobo, jornalistas do Correio do Povo. Todos o

²⁸ **O Mercantil**, Porto Alegre, 03/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 111.

²⁹ **Gazeta da Tarde**, Porto Alegre, 03/09/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 111.

³⁰ FLAUBERT, Gustave apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 144.

³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 115.

esperavam “sofregamente”, dado o “justo renome literário de que gozam aqueles talentosos moços”.³² Editado pela Livraria Americana, consta em seu catálogo:

A Estrycnina é a narração verdadeira e triste dos amores desventurados de dois jovens que em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, envenenam-se ingerindo grande quantidade do terrível tóxico que deu nome ao livro. Escrito com grande vigor de estilo, cheio de peripécias românticas, apresentando episódios reais da vida dos dois amantes, o novo livro é digno de leitura e recomenda-se ao bom gosto do ilustrado público.³³

Em três dias venderam-se mais de 600 exemplares. No encontro da vida com a arte, ficção e realidade se entrelaçam, o que mobiliza o público. Os personagens guardam nomes muito próximos dos suicidas (Chiquinha/Chiquita, Nico Borges/Neco Borba. O romance segue a narrativa jornalística, tal como o Correio do Povo noticiara em 2 de agosto de 1896. Inicia pela encenação de **A Dama das Camélias**, a peça “que não envelhecia e que tão boa acolhida tinha por parte da população local”.³⁴ Na platéia, Chiquita chorava aos soluços e o público ria dela. Advertem os autores: a platéia não sabia que a representação a que assistiam não era senão:



o prólogo de um outro drama de amor real, vivo, palpitante [...] drama de que em dias próximos correria a notícia pelas colunas das gazetas, pelos cafés, pelas casas, pelas ruas, pelas praças, bordada de mil peripécias românticas, matizadas de mil caprichos poéticos.³⁵

Sempre seguindo a narrativa jornalística, dentro do romance, Neco convida Chiquita para sair do teatro. Ela pergunta, trêmula, ao amante:

Como termina isso?

-Naturalmente, respondeu ele, como devem terminar todas estas histórias românticas: pela morte de um dos amantes.

- E de qual deles? Inquiriu a rapariga, com ansiedade febril.

- De Margarida, retrucou-lhe o Neco, secamente.³⁶

No romance, Chiquita imaginava que Neco envergonhava-se

de ter a seu lado uma mulher da vida, uma prostituta, que só é olhada com desdém, com desprezo pelas outras mulheres e pelos Catões de

³² **O Mercantil**, 1896, op. cit., p. 117.

³³ **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10/06/1896 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 118.

³⁴ Ibid.

³⁵ LOBO, Souza; TOTA, Mario; AZURENHA, Paulino 1897 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 118.

³⁶ Ibid., p. 119.

encomenda, que andam ali às dúzias exibindo o seu modo de ver, exemplarmente pudico e a sua virtude espalhafatosa e descarada.³⁷

A historiadora observa que Chiquita, assim como Margherite, lamenta suas histórias.

Então, por mais que se esforce, a criatura caída jamais se levanta? Deus talvez lhe perdoe, a sociedade nunca! De fato, com que direito irá ocupar no seio da família um lugar reservado a virtude? Que importa se está apaixonada! Pode dar a prova que quiser desta paixão, ninguém acredita e é muito justo. Porque, coração, porque futuro?³⁸

Elas aceitam que são a vergonha e a culpa. O amor das Margherites e das Chiquinhas pode receber o perdão de Deus, mas não consegue vencer as barreiras impostas pelo social, segundo o imaginário romântico. Só a morte pode redimi-las. Dumas acena então para a figura arquetípica e bíblica de Madalena e das palavras com que foi acolhida por Cristo. Não obstante no final da peça, quando Margherite acaba de morrer, Nichette, acompanhante da vida inteira, diz: “durma em paz Margarida! Muito lhe será perdoado pelo muito que amou!”³⁹

História dentro da história: a vida romanceada de Chiquita e Neco (Chiquinha e Nico) integra explicitamente no plano do acontecido e do literário, desde a abertura de *Estrhycnina*, à obra de DUMAS Filho *Chiquinha/Chiquita* é como Marguerithe e ambas são como Madalena.

A historiadora também assinala a recorrência da Dama das Camélias no romance *Lucíola* de José de Alencar. A personagem lê a Dama das Camélias e passa a refletir-se em Margueritte Gauthier. A redenção de *Lucíola* também será pela morte.⁴⁰

A conjunção do drama de amor no palco e outro na vida real, por outro lado, é uma chave de aproximação de vários personagens. A historiadora assinala as tragédias de *Emma Bovary* de Flaubert e *Chiquinha/Chiquita* de *A estrhycnina*. *Emma* e *Charles Bovary* assistem a encenação de *Lucia de Lammemoor* de Sir Walter Scott, na ópera de Donizetti. José de Alencar coloca seus personagens a assistirem *Lucia de Lammermoor* nos romances *A Pata da Gazela* de 1870 e *Encarnação* de 1877. Trata-se da vida real na

³⁷ LOBO, Souza; TOTA, Mario; AZURENHA, Paulino 1897 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 119.

³⁸ DUMAS, Alexandre apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 119.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ ALENCAR, José, 1957 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 120.

história narrada. No filme de Claude Chabrol, o convite de Ema Bovary ao marido para sair do teatro anuncia a cena seguinte, a da loucura e morte de Lúcia. “Emma interpretará o papel de Lucia, como que a realizar a homofonia fatal (francês/inglês) do nome da ópera de Donizetti: Lammermoor, ou l’amère mort, a morte amarga”.⁴¹ Ambas as heroínas, Lucia e Chiquinha/Chiquita, saem do teatro para a morte⁴².

Os autores jornalistas de Estricnina criticam o romantismo de Chiquita e Neco. Substituem esta representação por outra, explicativa do comportamento suicida: a perda de virtudes do “gaucho e da terra”. Egressos do campo, Chiquita saíra de uma aldeia e Neco de uma estância que seu pai foi obrigado a vender. Ambos se desgarraram na cidade, mas sonhavam com a “paz deliciosa dos campos”.⁴³

Entre as críticas à Estricnina destaca-se a do Correio do Povo:

Trata-se de um o livro que, no gênero, não constitui novidade; não deriva da espontaneidade criadora do talento pessoal: é antes feito da sugestividade accidental de um desses determinados casos interessantes, magníficos de exploração, especialmente sob o ponto de vista do sucesso mercantil, para o editor perspicaz, e tão ao sabor do público que lhes inspira sôfrego o capitoso perfume que enlanguece numa delícia singularmente voluptuosa ao farejar-lhes as sutilezas emocionantes e almiscaradas de alcova suspeita ; é o produto enfim da influência ambiente de que se enamoraram os autores e a que consagraram todos os carinhos de suas inteligências de primor.⁴⁴

Vale mencionar a coluna Peixe elétrico, da Federação, órgão do Partido Republicano. Apenas dois anos depois da Revolução Federalista, “o peixe pesca” críticas à Republica, talvez a política fiscal e agrária dos republicanos. A obra é considerada maragata e isto interessaria mais que os suicídios.

A sociedade de Medicina desaconselhava a divulgação tema suicídio. Os farmacêuticos não mais vendiam substâncias venenosas. A Gazetinha, jornal de oposição, que seguia a mesma linha para evitar essa influência sobre os jovens, agora se congratulava com o êxito da obra, assim como termina fazendo a coluna Peixe Elétrico.

⁴¹ BODDAERT, François, 1991 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 121.

⁴² Ibid., p. 121.

⁴³ Ibid., p. 125.

⁴⁴ **Correio do Povo**, Porto Alegre 13/06/1897 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 128.

Mas em 1899⁴⁵, tem-se conhecimento de mais um pacto de morte entre Álvaro Antonio Nunes, condutor de bondes da Cia Carris e Diamantina Flora de Araujo Silva. “Para provável deleite dos leitores, os amantes haviam deixado cartas”.

COMO A HISTORIADORA FAZ VER

A historiadora faz ver pela “história dentro da história”. É um caminho, um método genuíno de História Cultural.

A História dentro da história se caracteriza por lidar com a sensibilidade do pesquisador, suas sensações, sua percepção, sua historicidade, experiências, lembranças e imaginários por onde se desloca e, principalmente, sua construção como espectador e leitor. É um método em que o espectador (o que vê) ancorado em seu imaginário e em suas leituras, mergulha como leitor no que desconhece e o fascina; o que se torna sua prioridade. Desde as primeiras leituras, na construção do objeto se deixa evocar (leitor) e observa o ponto em que incidiu e se aproximou de outros imaginários, como espectador. Então a pesquisa se expande, amplifica o repertório evocativo, capaz de conectar o mundo de leitor-espectador da historiadora à diferença, a alteridade de seu objeto de pesquisa. Ela transita para um tempo diverso pela abundância de marcas de historicidade. Trata-se de um efeito de reiteração, ou de descarte. A reiteração também importa na verossimilhança pela qual se experimenta o outro tempo. Submetida a sua dupla condição de leitor/espectador, navega em seus pontos de incidência, seleciona-os: apropria-se, por exemplo, das leituras que o outro tempo lhe oferece, de sua literatura de maior expressão e recepção, vai as flores brancas do caixão de um suicida, assiste a representação da Dama das Camélias, percorre o jornalismo folhetim, as cartas apaixonadas e vingativas dos suicidas, os suicídios que se repetem, a corrida de uma multidão à porta do jornal para ver a foto da suicida e assim por diante, até reconstruir pelo poder da representação, a passagem de personagens ficcionais ou reais pela morte. As que expressam arrependimento tornam-se figura bíblica, os homens podem então dizer o que quiser: vingam-se da família e acusam a sociedade. Pelo mesmo poder da representação, entrelaçando o que há de imitação da arte no real, Nico e Chiquinha (Neco e Chiquita) foram submetidos e se submeteram às representações do mundo

⁴⁵ **Jornal do Comércio**, Porto Alegre apud Pesavento, Sandra Jatahy. **Os sete pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 132-133.

romântico. A paixão de Nico por Chiquinha, afinal, é por ser ela “como” a Dama das Camélias.

Portanto é importante ressaltar que para intensificar a capacidade de evocação é preciso intensificar a pesquisa, criando equipes orientadas. A historiadora pôde fazê-lo graças a sua produtividade e reconhecimento como autora, o que a credenciou em nível máximo como pesquisadora do CNPQ (Conselho Nacional de Pesquisa).

Limitamos nosso trabalho ao morrer por amor e ao poder da representação, mas as marcas de historicidade levantadas pela historiadora e sua equipe poderiam contribuir para vários trabalhos de várias orientações.

